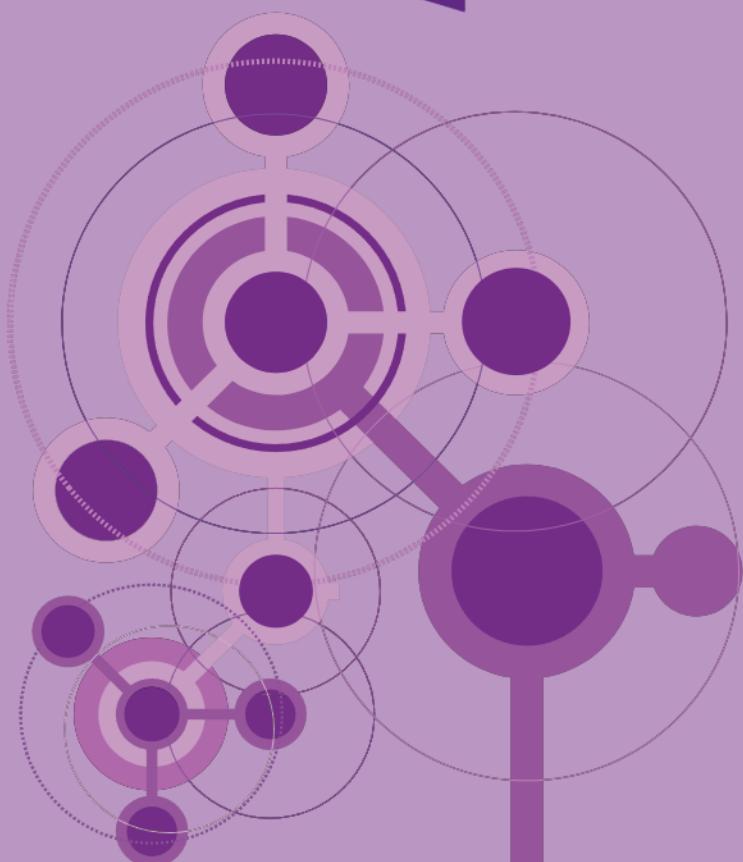


APRESENTAÇÃO

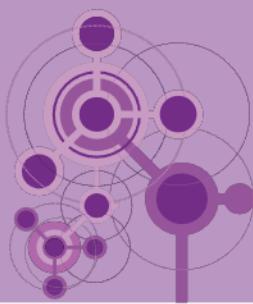


Dossiê 41 – Mulheres e Feminismos: mundo do trabalho, organizações e sociedade

A edição 41 da Revista Organicom (jan./abr. 2023) traz a continuação do Dossiê “Mulheres e Feminismos”, iniciado na edição 40 (set./dez. 2022). Aqui, destacamos as relações das mulheres com o mundo do trabalho, organizações, sociedade; também analisamos a lacuna existente na área da Comunicação como processo e produtora de sentido.

No Brasil, a cultura e as estruturas patriarcais seguem vivas e fortes e marcam de forma significativa – e também destrutiva – a experiência feminina. As mulheres ainda enfrentam inúmeras dificuldades, desigualdade de oportunidades e violência de toda sorte. Segundo Antonio Guterres, secretário-geral da Organização das Nações Unidas, apesar das mudanças positivas, necessitaríamos ainda 300 anos para alcançar a igualdade de condições e direitos entre homens e mulheres devido ao ritmo dos avanços e aos retrocessos que testemunhamos. Pandemia, conflitos políticos e armados, mudanças climáticas e seus respectivos impactos na vida de mulheres e crianças são alguns dos aspectos que vêm reforçando o cenário de desigualdades, além daquelas que há décadas vem sendo retratadas. Mas Guterres alerta também para os desafios de tornar as tecnologias digitais ferramentas de inclusão social e dos talentos femininos e não um meio de abuso e mais violências de gênero. (António..., 2023.)

No universo organizacional não é diferente. O mercado de trabalho e o espaço organizacional são ainda estruturados *por* e *para* homens e a maioria das decisões são tomadas a partir de uma concepção masculina de mundo. Os limites para as mulheres são impostos não pela falta de capacidade ou de vagas, mas por condições estruturais e culturais. Além disso, é fundamental abordar as diferentes discriminações e interseccionalidades que tornam esse trajeto um labirinto impossível, pois esse grande



coletivo que chamamos de “mulheres” não é homogêneo e não partimos do mesmo ponto de saída. Por isso mesmo, precisamos ampliar o olhar da igualdade para a equidade de gênero.

Para as empresas, instituições públicas e organizações faltam dados, repertório e intenção para gerar as mudanças culturais profundas que a equidade de gênero requer, além de pressão e políticas públicas que fomentem o movimento. Yamaguti (2023) afirma que há importante incremento nas ações nesse sentido e demonstra, por meio de pesquisa encomendada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) à agência FSB, que no Brasil só 14% das organizações contam com áreas específicas dedicadas à promoção da igualdade de gênero no local do trabalho.

No âmbito acadêmico, a historiadora Branca Zilberleib (2023) constatou que o campo de estudos de história das mulheres e das relações de gênero é muito jovem no Brasil. Segundo a autora, o atraso se dá, entre outros motivos, porque a mulher passa a ser objeto de estudo apenas quando pesquisadoras e professoras passam a integrar esse escossistema. Ou seja, são as mulheres que, ao fazer parte das organizações, passam a propor e pautar novos temas e provocar reflexão e mudanças. Outra diferença são os recursos recebidos para financiamento de pesquisas sobre o tema; poderíamos estender a ausência de financiamentos para o investimento de projetos sobre as mulheres, empreendimentos femininos e em iniciativas de promoção de equidade de gênero, étnica e racial. Os avanços dependem também da revisão na distribuição de recursos.

Dessa forma, nosso grande argumento para organizar o Dossiê “Mulheres e Feminismos” foi o “não reconhecimento da comunicação” como área relevante para os estudos das mulheres, feminismos e gênero. Nos últimos anos, temos observado, no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que há poucos estudos na área da Comunicação que incluem a perspectiva de gênero e poucos estudos sobre a mulher e a área da Comunicação, seja na Comunicação Organizacional, nas Relações Públicas, na Publicidade ou no Jornalismo.

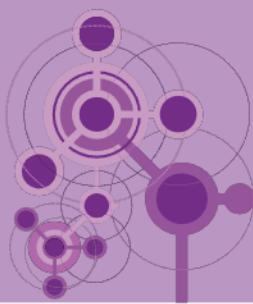
Nosso objetivo é trazer conceitos e reflexões que ampliem as possibilidades de estudantes, professores e pesquisadores da área de comunicação de modo a abranger temáticas urgentes para compreender e combater desigualdades, em relação às pautas femininas e feministas, às interseccionalidades de raça, etnia, crença, gênero, orientação sexual, etarismo, deficiência, além da participação política, ativismo, direitos, justiça climática.

Destacamos ainda estudos e frentes de combate às diferentes manifestações de violência de gênero: simbólica, psicológica, física, tecnológica, econômica, ao sexism e até o feminicídio – a fratura mais exposta e grave dos temas de gênero na contemporaneidade, especialmente no Brasil¹. Acreditamos que profissionais de comunicação devem ter um compromisso ético e repertório para fomentar a eliminação de todas essas violências.

Os textos produzidos pelas pesquisadoras colocam em debate temas chave, trazem reflexão, denúncia, dados, mas também esperança, oportunidades e caminhos para a mudança.

Nesse sentido, as políticas de igualdade e diversidade devem ser implementadas de forma transversal. A construção da igualdade para as mulheres, em toda sua diversidade e todas as suas dimensões, necessita de políticas universais combinadas com ações afirmativas de ruptura com a divisão sexual e racial do trabalho; de redistribuição e socialização do trabalho doméstico e de cuidados; de ações para erradicar as causas da violência contra as mulheres; e da defesa da autonomia das mulheres sobre seus corpos e sexualidade.

¹ Segundo o Monitor da Violência e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em 2022, uma mulher foi morta a cada seis horas. O número de vítimas cresceu 5% no último ano. Foram 1,4 mil mortes motivadas pelo gênero. (Monitor..., 2022)



Nesta edição 41 voltamos às mesmas perguntas do Dossiê 40, uma vez que seguimos desafiando o *status quo*, com o objetivo de respondê-las à luz das contribuições dos autores que generosamente produziram suas reflexões.

Afinal, qual é o papel dos profissionais, pesquisadores e estudantes, na promoção da equidade de gênero, na luta contra as violências e desigualdades, na construção de novos modelos, cultura e narrativas sobre as mulheres? E qual é o papel da comunicação, como área de conhecimento, processo e produção de sentido?

A edição 41, "Mulheres e Feminismos: mundo do trabalho, organizações e sociedade", está composta por oito artigos na seção do Dossiê, seis textos enviados pelo *call for papers*, uma entrevista, três depoimentos de profissionais ativistas, um artigo na seção Espaço Aberto e uma resenha.

Iniciamos a seção Dossiê com o texto "El colectivo feminista en la Convención: estrategias y logros" de Virginia Guzman, sub-diretora do Centro de Estudios de la Mujer, no Chile. Durante os trabalhos de proposição da nova Constituição do país, a autora analisa as estratégias utilizadas para legitimar a agenda feminista, articulando-a com os debates mais amplos relacionados ao Estado, ao sistema político, aos direitos fundamentais e ao sistema de justiça.

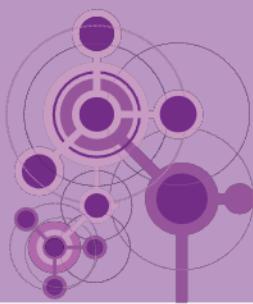
Em seguida, Vanessa Rodrigues e Niara de Oliveira, no artigo "Histórias de morte matada contadas feito morte morrida", analisam a forma como a imprensa relata casos de feminicídio no Brasil e demonstram que, em muitos casos, existe uma culpabilização das mulheres pelo crime que lhes tirou a vida. O artigo conclui pela necessidade urgente e coletiva de repensar a forma como o relato jornalístico é construído.

Adentrando no universo das organizações, Andrea de Lima e Cilene dos Anjos Marcondes propõem, no artigo "Quantas mulheres habitam em nós? Interseccionalidade e comunicação: teoria e prática", descortinar o quanto o conceito de interseccionalidade atravessa as narrativas de Comunicação no âmbito corporativo, em especial na campanha do Dia Internacional da Mulher, foco da pesquisa realizada especialmente para o artigo. Segundo as autoras, as respondentes afirmaram que a abordagem das organizações durante a campanha do dia 8 de março é desinteressante, distante ou até mesmo desconectada do mundo real.

Seguindo a mesma trilha do artigo anterior, Margareth Goldenberg, consultora estratégica e tática em diversidade e inclusão em empresas e gestora executiva do Movimento Mulher 360, afirma em seu texto "Equidade de gênero no mundo corporativo: como avançar e garantir equidade de oportunidades" que a inclusão da mulher ainda não tem ocorrido nas melhores condições nem com agilidade necessária e persistem muitos desafios na conquista de direitos dentro e fora das empresas.

Produzido pela profa. dra. Maria Aparecida Ferrari, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, pela profa. dra. Kalliandra Quevedo Conrad, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, e pela mestre Sandra Milena Ortega Restrepo, o artigo "Reflexões sobre relações interseccionais de poder nas trajetórias de mulheres relações-públicas no Brasil" analisa as construções de sentido sobre as relações interseccionais de poder que marcaram a trajetória de quatro mulheres relações-públicas no mundo do trabalho. Os resultados mostraram a predominância do discurso da meritocracia que naturaliza a discriminação vivenciada pelas mulheres, expressa pela naturalização da maternidade, a individualização do trabalho do cuidado e o não reconhecimento do racismo estrutural, entre outros.

"A Mulher Preta com Deficiência: impactos da intersecção" é o artigo da psicóloga Shirley Aparecida Rocha Menezes que traz a reflexão sobre as intersecções da mulher preta e com deficiência no mercado de trabalho. A autora reforça que é notável a escassez de estudos sobre a temática, o que evidencia que as "minorias" são invisibilizadas para manutenção de poder e controle social.



Luciana Silva Corrêa aborda, em seu artigo “Envelhecimento feminino e etarismo nas organizações: o desafio da mulher madura no mundo do trabalho”, uma temática muito atual no Brasil. Seu artigo faz uma análise crítica de cunho cultural e reflexivo sobre o envelhecer feminino nas organizações e propõe que a comunicação organizacional tem papel relevante na construção de um ambiente de trabalho multicultural e aberto à diversidade etária entre as mulheres.

Fechando o dossiê, Natália Leão e André Felix colocam em evidência a mulher, em seu o artigo “Open Box da Ciência: o protagonismo das mulheres no mercado de trabalho brasileiro”, mostrando que as mulheres são maioria no ensino superior brasileiro desde os anos 1990; entretanto, o avanço de suas carreiras não atingiu os resultados esperados ao se comparar com seus colegas homens. Esse mesmo padrão é observado ao compararmos as cientistas brancas e as negras, estando as últimas em desvantagem.

Além dos autores convidados, foi aberta uma chamada para pesquisadoras da temática do Dossiê 41 e contamos com seis artigos de acadêmicas do Brasil e Argentina.

Maria Jose Nacci, diretora da Faculdade de Ciências Sociais da Universidad Argentina John F. Kennedy, Buenos Aires, Argentina, em seu artigo “Publicidad no sexista: viejos y nuevos espejos de representación social”, analisa velhos e novos estereótipos de gênero em propagandas de cosméticos de duas épocas, dos anos 1950 e hoje, 2023. A autora constatou que, após setenta anos de mudança cultural, muitos estereótipos parecem intactos.

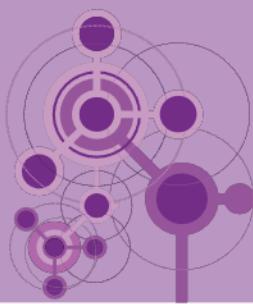
“Um olhar sobre si: o labirinto de cristal na área da Comunicação” produzido por Patrícia Milano Pérsigo e Andréia Silveira Athaydes discute a metáfora do teto de vidro e do labirinto de cristal, confrontando tais referenciais com os dados do relatório “Techo de cristal en Comunicación”. Entre as conclusões, as autoras percebem que, apesar de a área ter proximidade com as Ciências Sociais Aplicadas, com frequência as desigualdades de gênero estão aí reproduzidas.

Maria Eugênia Porém, Taynara Ferrarezi Carvalho e Michelle Moreira Braz apresentam uma discussão sobre as relações de sentidos implicadas no fenômeno do empreendedorismo feminino, a partir da análise de quatro perfis no Instagram, no artigo “Empreendedorismo feminino e feminismo neoliberal: uma perspectiva comunicacional e crítica a partir de perfis de empreendedoras no Instagram”.

Mediante a realização de uma pesquisa, Katarini Giroldo Miguel e Tathiane Espíndola Panziera analisam a influência das assessorias de imprensa de órgãos voltados às políticas públicas para mulheres em Mato Grosso do Sul no debate sobre violência de gênero ao apresentar o artigo “Quando as Marias falam: assessorias de imprensa no debate da violência contra mulheres em Mato Grosso do Sul”.

No artigo “Olha de Novo: reconstrução da cena dos feminismos contemporâneos a partir de campanhas da Avon”, Francine Altheman e Letícia Alves Lins buscam compreender o modo como a Avon se adequa a esse cenário, assim como os arranjos e disruptões que essas cenas promovem em torno de processos emancipatórios, e constatam que as transformações acontecem mais no âmbito da micropolítica do que de emancipações que transformam a realidade como um todo.

Encerrando a seção, Julia Ourique e Pauline Saretto apresentam o artigo “Potência musical feminista: um estudo de caso do selo PWR Records” que analisa a representatividade de mulheres na indústria da música, especialmente dentro do *rock* independente. A pesquisa aborda a quarta onda do feminismo, introduz o artivismo feminista e discorre sobre como a questão da sororidade transformou a relação na música.



Em seguida, a edição 41 traz, na seção Entrevista, uma conversa, que mais se assemelha a um aprendizado, com a Dra. Jurema Pinto Werneck, diretora da Anistia Internacional no Brasil. Chamamos de "Uma voz plural em meio aos desafios contemporâneos brasileiros" o encontro que mantivemos com nossa entrevistada e defensora da melhoria das condições de vida e da saúde da mulher negra e de comunidades periféricas. Para nos acompanhar neste 'aprendizado', contamos com duas ativistas que nos ajudaram nesta missão. Gabriela Monteiro, jornalista, educadora popular, especialista em gênero, desenvolvimento e políticas públicas, e Rosane Borges, jornalista, doutora em Ciências da Comunicação, professora colaboradora do Centro Multidisciplinar de Pesquisas Colaborativas e Linguagens Digitais (Colabor), da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

Conseguimos trazer a metáfora do caleidoscópio para nos aproximar do ativismo da Dra. Jurema, seja pela miríade de olhares, urgências a endereçar, com muitas respostas e, também, perguntas, que se cruzam e entrecruzam nas diferentes dimensões do contexto da sociedade brasileira.

Dando prosseguimento, apresentamos três depoimentos de mulheres ativistas, uma venezuelana e duas brasileiras. Os depoimentos podem ser traduzidos como aquele momento em que essas mulheres trouxeram, lá do fundo de seus corações, reflexões sobre suas vidas e suas lutas como comunicadoras, ativistas e profissionais.

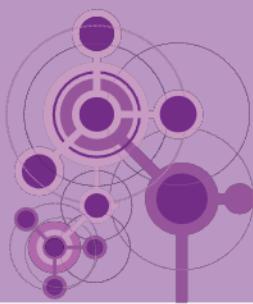
O depoimento "Muchos odios y variaciones sobre un mismo discurso", da advogada Tamara Adrián, venezuelana, doutora em Direito e professora da Universidad Central e da Universidad Metropolitana, ambas na Venezuela, apresenta esclarecimentos sobre a trajetória de grupos conservadores, especialmente de base religiosa, para impedir ou reverter a existência de regulamentações sobre direitos sexuais e reprodutivos e igualdade com base na orientação sexual e identidade de gênero, e como mudaram substancialmente no tempo para o uso de discursos supostamente científicos, proferidos por ONG.

O texto "Terceiro setor e futuros possíveis para as mulheres", de Daiany Mayara de França Saldanha narra a trajetória de vida da autora, bem como suas vivências como empreendedora social no terceiro setor. Nesse âmbito, questiona onde estão, em especial, as mulheres negras. Traz pesquisas e estudos que apontam a dimensão da falta de espaço, representatividade e voz das mulheres (negras, lésbicas, periféricas) no terceiro setor, em especial em posições de comando e decisão.

Finalizamos esta seção com o depoimento "Das margens ao centro das decisões para a inclusão e a equidade racial" de Selma Moreira, vice-presidente de Diversidade do Banco J. P. Morgan. A autora traz sua trajetória de menina negra que superou as diferenças sociais relacionadas a classe, gênero, cor e etnia e que chegou ao topo da hierarquia organizacional. Para isso ela reforça sua atuação no movimento negro, alertando para a necessidade de criar estratégias eficientes para empresas e organizações sociais.

Na seção Espaço aberto, contamos com o artigo "Definiendo la comunicación organizacional desde el Sur: en búsqueda de perspectivas latinoamericanas", das autoras Consuelo Vásquez, Lissette Marroquín Velázquez, Griselda Guillén Ojeda, María de Jesús Montoya Robles, Gabriela Rabello de Lima, que apresenta os primeiros resultados de uma pesquisa que visa retratar o campo da comunicação organizacional latino-americana. O artigo se baseia em levantamento com pesquisadoras de 14 países da América Latina e seus objetivos são definir a comunicação organizacional e seus posicionamentos no que diz respeito à existência de perspectivas latino-americanas sobre comunicação organizacional.

A edição 41 se encerra com a resenha da obra *Continuo preta: a vida de Sueli Carneiro*, escrita por Bianca Santana e aqui resenhada por Lívia Magalhães de Brito, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. A obra enfoca a vida de uma das mais importantes acadêmicas e ativistas negras, Sueli Carneiro. Ela continua sendo um grande nome do movimento negro brasileiro e em favor dos direitos



humanos e seu reconhecimento se dá tanto no Brasil como no exterior. O livro é leitura obrigatória para todas e todos que desejam conhecer a fundo o movimento negro no Brasil. Lançado em 2021 pela editora Companhia das Letras, é uma leitura indispensável para os pesquisadores que tratam das questões raciais no Brasil.

Ao final de uma jornada de mais de um ano para produzir as edições 40 e 41, acreditamos ter cumprido nossa missão no sentido de oferecer às alunas e alunos, pesquisadoras e pesquisadores, profissionais e sociedade um conjunto de perspectivas sobre "Mulheres e Feminismos" para aquelas e aqueles que desejam transformar a sociedade brasileira. Coordenado por duas mulheres, acreditamos que "a mulher só se torna um objeto de pesquisa quando ela mesma começa a fazer pesquisas" (Zilberleib, 2023).

Desejamos a todas e todos uma ótima leitura!

Maria Aparecida Ferrari e Sheila Prado Saraiva
Coordenadoras do Dossiê

REFERÊNCIAS

ANTÓNIO Guterres (Secretario General) durante la 2^a sesión plenaria, Comisión de la Condición Jurídica y Social de la Mujer, 67º período de sesiones. 6 mar. 2023, 1 vídeo (12 min 25 s). Disponible em: <https://media.un.org/es/asset/k13/k139u4ctlb>. Acesso em: 6 mar. 2023

MONITOR da Violência. Núcleo de Estudos da Violência, 2022. Disponível em: <https://nev.prp.usp.br/projetos/projetos-especiais/monitor-da-violencia/>. Acesso em 17 mar. 2023.

YAMAGUTI B. Mulheres ocupam apenas 29% dos cargos de liderança na indústria brasileira, diz pesquisa. *G1*, 8 mar. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/03/08/mulheres-ocupam-apenas-29percent-dos-cargos-de-lideranca-na-industria-brasileira-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em 8 mar. 2023,

ZILBERLEIB, B. A mulher como problema de pesquisa em História: emergência de estudos sobre mulheres e gênero na historiografia brasileira recente (1973-2001). 2023. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2023.